

Do seus imensos paredões  
brotam as nascentes de água  
cristalina que compõem  
as principais bacias do  
continente sul americano,  
suas terras exibem uma  
das biodiversidades mais  
ricas do mundo e nas  
suas serras se põe um  
sol que parece mais  
irradiante do que em  
outros lugares

Equipe AventuraArção

# CHAPADA DOS VEADEIROS, GO



# Kalungas

O isolamento geográfico preservou a cultura do povo quilombola

**I**solados por cerca de 250 anos, os kalungas constituem ainda hoje comunidades com hábitos muito particulares, praticando uma economia socializada e uma agricultura de subsistência. Chegaram ali fugindo da escravidão e se isolaram entre os vales e afluentes do Rio Paraíba, em lugares quase inaccessíveis. Ingressando nestes "Vãos", como são chamados, entramos definitivamente em outra dimensão do tempo.

O povoado do Engenho II, mais próximo da cidade, o do Vão de Almas e do Vão do Moleque, nos remetem a um encontro com um passado recente. O isolamento em uma natureza rude, que segrega ainda mais seus habitantes, faz com que eles vivam como há séculos atrás, muitas vezes em estado precário, precisando caminhar cerca de cinco quilômetros para pegar água, ou ficando isolados por meses sem ter acesso a um hospital.

Entre os donos de suas propriedades - todas hoje protegidas pelo INCRA - encontramos algumas das maiores belezas da Chapada, por entre cânions e cachoeiras. Descobertos pela antropóloga Mari Baiocchi, apenas na década de 70 mantiveram seus hábitos culturais intactos até então. Hoje, os remanescentes chegam a quatro mil, distribuídos em cinco núcleos em uma área de 237 mil hectares.

Tratam-se de pessoas simples e profundas, que preservam hábitos mais puros, como o tear, a confecção de artesanatos e a sua própria cultura de alimentos e de plantas medicinais para a cura de doenças. Mesmo quando entraram em contato com a cultura dos brancos, mantiveram-se resistentes às influências externas e à lógica do consumo e de pasteurização do mundo globalizado que, muitas vezes, suprime a cultura popular e a sutileza encontra-

da na simplicidade das coisas. Apesar de desprovidos de bens materiais, nos dão boas lições de vida, através de sua relação respeitosa com o ambiente em que vivem ou na serenidade estampada no rosto dos mais velhos.

## Turismo Solidário, uma nova forma de integração dos povos

A Travezia Ecoturismo está desenvolvendo na região uma nova forma de turismo conhecido como turismo voluntário, praticado em parceria com a instituição de caridade Cancer Research, que arrecada recursos para investir na pesquisa do câncer. Parte desses recursos são destinados à aquisição de materiais para reformar escolas em vários países. O projeto em 2006 consistiu na construção de três salas de aula no povoado do Engenho II para o ensino de segundo grau e um curso técnico. A proposta é que o trabalho ajude a reduzir o problema de evasão dos jovens, que a comunidade Kalunga enfrenta. Eles vão para a cidade estudar, mas, em geral, não voltam, tampouco concluem o ensino.

Como iniciativa, já se consegue identificar o resgate das manifestações culturais mais expressivas das comunidades, que organizam apresentações, onde expõem a culinária, as danças e músicas próprias.



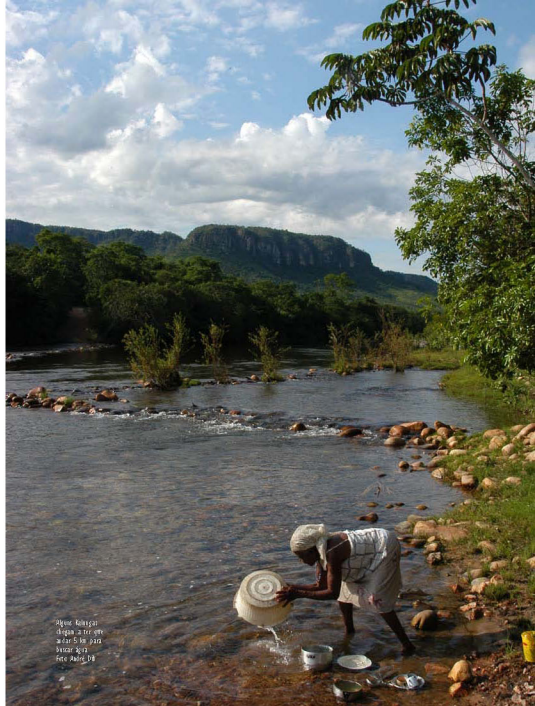
Alma e povo Kalunga na sua fazenda, alguns participantes do projeto Turismo Solidário interagem com a comunidade.



Foto: Alex D'Almeida



Foto: André D'Almeida



Alguns kalungas do Engenho II, mais próximo da cidade, para pegar água. Foto: André D'Almeida



# Onde o mar virou cerrado

Todora fotografa André Dib.

Enquanto o sol dourava os pequizeiros surgindo furtivamente entre pedras nubes cor de chumbo, eu cruzava o Vão do Rio Claro, pedalando sobre a planície verde do Cerrado do oeste e sentido o cheiro premonitório da chuva. Os paredões vertiginosos de quartzito alaranjados formavam paisagens de até 300 metros resguardando a face norte do Parque Nacional, eleva do sobre um grande platô. Naquele momento, eu cruzava o antigo Mar de Arari, por mais parecia estranho: em places sinchos do Centro-Oeste brasileiro. Este mar recobria toda essa região e deixou suas marcas há quase um milhão de anos.

Os mornos rodados, por onde eu

passava, testemunharam o Período Jurássico e arripitaram ao lento afastamento da América do Sul em relação à África após a cisão do antigo supercontinente denominado Gondwana. Por isso, muitos estudiosos acreditam que eles estão entre as formações mais antigas da América do Sul. Uma viagem pelas áreas geológicas. Sali por volta das 7h30 da manhã da cidade de Cavaliante rumo ao povoado da Capela. Levara comigo uma pequena barra e algumas provisões que sentíamos aflojar atados ao bagageiro da bicicleta. Nesse primeiro trecho, resolvi me dedicar cerca de 40 km, cortando uma paisagem em esta do bruto entremeados troncos tortuosos.

Após os primeiros 10 km, fui contem-

plado com uma forte decisão, até chegar o vale do Catiguera, coroado pela grande muralha que eleva o platô do Parque. O nome Catiguera faz alusão ao vaado-outigueiro, cervo comum na Chapada. Estuda-se a implantação de portaria norte do parque e por ali. O sol forte, agora predominante, pedala descair para aliviar o calor implacável num sob-e-desce treme, mas continuo. Todavia, aproveitando a cadência imposta por mim e com o relevo a meu favor, não parei. Desprezei alguns riachos pelo caminho, acreditando na abundância de água naquela região. Pedalava com ímpeto quando as forças começaram a se esgotar e o mesmo tempo em que a água se esgotava, nas garrafinhas. A cada decisão, avistava jardins

Até do pedalei 18 km pelo interior do Parque Nacional da Chapada do Marão.

Movido por uma especial paixão pela aventura, o fotógrafo André Dib encarou dois dias de pedalada forte contornando o Parque

forçando refrescar: poços naturais. O descair nas águas reergueu minha moral. Estava munido de uma energia creta que me pôr novamente em prumo, ansioso por seguir meu destino. Passei rapidamente pelo povoado da Capela e parei para comer algo sob a sombra rala de uma acupira. Reestabelecido, voltei ao empoeirado caminho em direção ao povoado de Ponte do Rio Preto, como era conhecido. Foram mais 18 km vencidos em pouco mais de uma hora, totalizando 79 km rodados.

"O melhor não é goland", exclamou dona Cida, logo na entrada do vilarejo composto por cerca de 20 casas. "O meu rompante de fã não é do aqui!", complementou, me apontando os lugares em que se podia tomar um banho de rio e a campar. Dêidi-me nas águas escuras do Rio Preto e voltei à vila, para descansar. Conheci o Sr Durval, que perguntou para onde eu ia, e se eu estava só. Ofereceu-me pauco, comida e me alertou "cuidado rapaz! Viajante sozinho pra estas bandas, costuma dar o de comer pra onça".

## Avá-Canoero, resistência à imposição do homem branco

Com o rompimento do silêncio da manhã pelo grito das araras, eu me despedi de meus anfitriões saboreando alguns pitanchos de queijo e o café servido num bule fumegante. Ao contrário da ditadura a manhã estava fresca, aproveitarei para apressar o "passo". O caminho, agora, com um demêlê mais acostuado não continha o ritmo e estradas curvas-

se longamente para o oeste. Percorri 28 km até a cidade de Colina do Sul, no outro extremo do Parque. A partir daquele momento, ultrapassava a metade da jornada, proporcio e comecei então meu caminho de volta.

Esta região já foi habitada pelo três povos índios Avá-Canoero. Os Avá foram os habitantes mais agueridos da região. Espularam e massacraram todas as outras tribos da região. Perseguidos desde os tempos dos bandeirantes, nunca se estregeram e nem aceitaram o contato com o homem branco. Eram nômades e estrais navegadores, apê-se que viviam de longo, remado pela bacia do Amazonas, até chegar às terras férteis da margem dos rios Maranhão e Tocantins. Vários expedientes tentaram exterminá-los. A última foi em 1642, conhecida como o massacre da Mata do Café, quando centenas de índios foram mortos por fazendeiros. Terridos e respectados por todos os povos, desta vez não puderam resistir a um dos massacres mais covardes e cruéis promovidos pelo homem branco. A partir daí, alguns sobreviventes passaram a viver escondidos em matas e grutas às margens do Rio Tocantins. Uma onça Avá foi descoberta, depois de muitos anos, largada, com pneumonia, na beira de uma estrada, o que fez com que aumentassem os esforços da FUNAI para localizá-los. Existem ainda seis remanescentes que vivem no município de Minaçu, em uma pequena área guardada pela FUNAI. Estima-se, entretanto, que ainda haja cerca de 25 indivíduos em contato com o homem branco.

omamentando veredas compostas por buritis, que anua davam água. Um verde-muro viscoso e línguido, porém formava brejos nada convidativos ao deleite que eu necessitava. Avançava olhando um a um, cada risco d'água, sem sinal de um bebedouro aceitável. Por horas procurei em vão, o que fazia daquela jornada um árduo e estenuante caminho.

Quando me aproximava, escurto, do Povoado da Capela, o odômetro já marcava 61 km. Avistei uma porteira beirando a mata de galeria que prometi algo, descí rapidamente por um caminho estreito, aberto a golpes de fúria. Quando as forças novamente faltavam nas pernas, avistei um farto riacho de águas cristalinas precipitadas em corredeiras,



A pequena igreja resiste à simplicidade da arquitetura local



## Pelas águas do cerrado

Enquanto a tarde avançava, o céu se tornava amarelado. O calor e a umidade começaram a tornar a costa da atmosfera enquanto eu saía de Colinas em direção ao Leste. Ainda não havia decidido meu caminho no sentido da. Pensava em pensar no encontro das águas, onde o Rio São Miguel desemboca no Rio Tocantins, que segue para o nordeste desafiando-se no Tocantins para compor a grande bacia Amazônica, os rios reserva particular de águas termais chamadas Edm. Confesso que era a idéia de um banho nas piscinas de águas termais, depois de 51 km pedálicos, me parecia bastante atraente. Cheguei ao lugar me escondendo de uma tempestade que me cercava em grandes cortinas aziscentadas, ouvindo toda a paisagem ao meu redor. Após o dilúvio, me dirigi às piscinas naturais, rob uma terra grávida que ainda cala. Permaneci mais de uma hora imerso nas águas tranquilas e repolventes e sai do banho cristalinamente enformado. Cozinhei rapidamente uma massa regada a mollio de tomate esalado, que apesar do aspecto não muito apetitoso, contou com o bfo tempo de forma.



Os trilhos do cerrado são a paisagem dos trilhos por vezes bonitos e fechos, mas insidiosos.

## Esforço recompensado

Voltando aos percalços diários, uma imensa subida me aguardava, era o último caminho a seguir. Logo na saída, a grande e interminável rampa me impelia com vontade. Saindo das águas termais, segui subindo por 12 km ininterruptos. O desnível não era assim tão desumano, mas, depois de dois dias e 140 km pedálicos, a interminável subida se aliava ao calor, provocando um embate entre a vontade da mente e o limite do corpo.

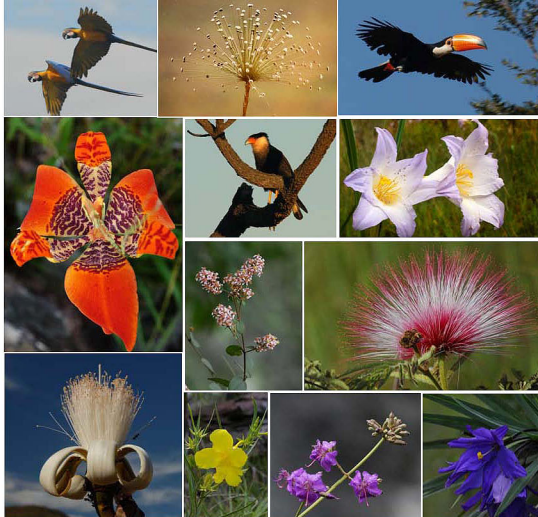
O pensamento, porém superava o cansaço e depois de quase duas horas, esgotado numa marcha lenta, que provava resazamento o meu destino, cheguei ao alto. Lá fui aguçado por uma vista impressionante de todo o vale do Rio Claro num grande abismo a minha esquerda, do outro lado, onde se estirava dois dias antes, abtindo-se em uma janelas emoldurada pela vegetação.

Quando a coisa fica mais fácil, temos que desconfiar. Fazíamos cerca de 40 quilômetros para fechar o circuito da travessia proporia, e o desnível maior já estava vencido, quando o peso furou. Paestremamente saquei a roda traseira e curtidito todo aquele visual, fiz o reparo necessário, sentindo um vento brando trespassando meu rosto, mas o tempo mudou repentinamente e as nuvens formadas pelo calor desmisturaram o dia transformando-o numa atmosfera sombria e ameaçadora.

A poucos quilômetros de São Jorge a chuva despençou com vigor, mal tive tempo de proteger o equipamento fotográfico e a torrente inundou os alforjes fazendo-os dobrar de peso. A lama tornou a conta de estrada, no curto caminho até a vila próxi-

ma, grudando nos pneus, penetrando entre o garfo e os V-Brales e freando a bicicleta forçadamente. Pedalar sob essas condições não era nada agradável.

Chegando em São Jorge, me abriguei e esperei a chuva amainar e retornando o caminho por entre a lama e as poças barrentas, segui antessamente rumo ao destino final. A paisagem, muito diferente do norte do parque, agora se apresentava em grandes campos limpos de cerrado saônico, salpicado de buritis que se espalhavam sobre o capim rasteiro. Serenas, tuanos e emas pareciam alvorogados pela paisagem do temporal e agora se exibiam pelo caminho, cruzando a estrada sem qualquer inhibido. Avistando o morro do Brado e a Pedra da Baliza, sabia que o arfido estava próximo, mas a chuva não me poupou de outro golpe. O frio potencializado pelas trais altas chegou com o aquecimento. Parei novamente e já no adulto me abriguei no Rancho do São Valdomiro, figure ilustre e personagem conhecido da Chapada, é dono de uma rústica venda coberta de palha na zona fronteira ao parque, junto à Pedra da Baliza. Ali se encontram doces castros, geléias, pequis e diversos produtos feitos artesanalmente com frutos do cerrado. Bom de proa, sei Valdomiro me ofereceu dois dedos de cachapa de terra. "Pra mo de espantar o frio", o que eu aceitei de bom grado. Os últimos 18 km foram vencidos em uma hora, impulsionado pela vontade de chegar e pelo trecho arfido que me submetia a um ritmo mais acelerado. Avistando a Serra da Baliza, cheguei a Alto Paraíso. A tarde estava cinzenta e ornamentada, por espasmodos temporestes torrenciais que caam no horizonte, fechando os 182 km de pedal forte, visual impactante, boas histórias e muita água.



## Biodiversidade

Nas trilhas da Chapada, colburitis, que indicam que há água por perto, se vezem com flores de cores vivas como rosas, canoelhas violetas e canelhas-de-emo. Em alguns lugares, sereno, como no entorno do Vale da Lua, a vegetação baia do cerrado dá lugar às matas mesofíticas, onde se encontram espécies de mata Atlântica. Espécies raras de animais, como o tamanduá, lobo-guará, urubitinga, ema e lucanus de lico-amarelo se exibem pela paisagem, des preocupados com os olhares dentro dos contos. O pato mergulhão é um caso à parte: só so-

breve em lugares de águas e se puro em nascentes tranquilas, mas com corredeiras. Tentativamente ocupa cerca de cinco quilômetros de rio, não dividindo seu espaço com outros exemplares. Com tantas exigências, acredita-se que hoje só existam 250 espécies no Brasil, divididos entre a Chapada dos Veadeiros e a Serra da Capatzen. O "Projeto Pato Mergulhão" que é uma iniciativa da Funatur (Fundação Pró-Natureza) e conta com a colaboração da associação de guias do Chapada está trabalhando para catalogar todas as espécies e estudar suas hábitos e características, pois a espécie está desaparecendo, antes mesmo que tenha sido estudada.



# Travessia Leste

De Alto do Paraíso até São João da Aliança, a clássica travessia da Chapada dos Veadeiros se completa em três dias de belas paisagens, cenários contrastantes e boas experiências junto à natureza.

Texto e Fotos: André De

Serras e vales  
estrecitadas e  
livres da Chapada

Sob um dia quente e ensolarado, começamos a caminhada cortando as ruas da cidade, chamando atenção com nossas mochilas carregadas. Alto Paraíso foi o ponto de partida para a Travessia Leste, uma trilha clássica na Chapada dos Veadeiros. Após vinte minutos caminhando, saímos do trecho urbano para percorrer a trilha, propriamente dita. Subimos uma pequena serra, caminhando sobre fragmentos de cristais de quartzo que rezeiram na terra, lembrando um grande espelho estilhaçado, até a Cachoeira do Cristal. Seguimos para a Cachoeira da Água Fria, uma imponente queda de 70 metros, precipitando-se sobre uma espessa mata de galeria, onde os capões de mata esbodem um verde intenso o ano todo, mesmo nas estações secas, entre setembro e abril. Passamos pelo alto da queda, de onde avistávamos todo o Vale do Moinho Pedreiro, meu guia, sugeriu que fôssemos até a parte baixa da cachoeira. Descemos pela trilha. Ingreme marcado pelos tons difusos da montanha e atingimos a pequena mata que dificultou, mas não dissuadiu nosso banho.

Voltando à trilha, contornamos a esquerda que margeava um grande vale e começamos a descida para o Povoado do Moinho, onde faríamos nossa primeira pausa. Essa região de terras férteis guarda a história da atual Alto Paraíso, antiga Fazenda Veadeiros, que deu origem a um povoado, marcando o início da colonização na região em meados do século XVIII. O nome Chapada dos Veadeiros faz referência aos antigos caçadores de veado-campeiro, abundante nas cercanias da chapada, que enviavam o couro das caçadas para Minas Gerais e o porto de Belém.

Chegamos ao Moinho no final de tarde e fomos recebidos pela simpática Dona Leonita, que fez parte desta história e relembra os bons tempos, quando o povoado fartava-se com a colheita do trigo. O segundo dia amanheceu claro, mas com nuvens se acumulando sobre o vale. Contrariando todas as previsões climáticas, Dona Leonita profetizou



tizou "você não molhar, filho". E como a experiência é a lei que rege o tempo por aí, caminhamos cerca de 20 minutos para que a chuva não atinja-se em cima. Chegamos ao topo da montanha encharcados e começamos o zigzag que construiu pela "Serra da Pedra Raini", nome que os nativos dão à rubida até o topo aplana da Serra da Balza. Olhando pelas frestas de suavem que se abriam rapidamente depois da chuva, regulamos vislumbrando a paisagem marcada pela vista da Serra Geral, que divide Goiás com a Bahia.

Atravessávamos aquela vasta extensão de terra, marcada por horizontes largos, passando por um grande platô, coberto por uma gramínea rala salpicada de capim-estrela. Seguimos até alguns olhos d'água que brotavam na partagem silvestre e continuamos margeando o Rio Ferreirinha até o topo de uma grande queda emoldurada por toques gigantes e imponentes. Tais formações nos fizeram pensar: sobre como, em meio as agruras de um lugar inhospito, a natureza sabe ser exuberante.

Nossa próxima parada seria na Cachoeira do Sertão Zen, cujo nome provavelmente remete à harmonia profunda que reina no lugar. Percorremos a borda do abismo e percorremos um campo de capim alto que ocultava as rochas, dificultando nossa passagem. A paisagem que se revela era mística, d'água e composta por formações rupestres.

Descemos em direção ao vale do Rio Maaco e encontramos um riacho de águas cristalinas que restabeleceu nossos ânimos. No final da tarde, atravessamos o Rio que forma uma requintada Invasão de caracas coroadas pela Queda da Catedral, uma imponente cachoeira



Do alto avista a vegetação caudex e grossa, na Universidade de São Carlos, Goiás.

de 50 metros que cai sobre uma grande piscina natural de águas avermelhadas. Sem dúvida, um dos pontos altos deste trekking.

Iniciamos o terceiro dia rumando um cenário idílico, formado pela vastidão interrompida por grandes morros. Após subirmos ao chapadão, avistamos o vale do Rio Paraná. Nesse trecho, as

plantações de soja e milho estendem-se até o horizonte, evidenciando problemas como o desmatamento e a substituição de áreas do cerrado original, com sua

grande variedade de plantas, pelo cultivo de uma só cultura. Apesar de comum nessa região, a prática da monocultura gera o empobrecimento gradativo do solo, a proliferação de pragas, a poluição dos mananciais, além de modificar o ambiente natural dos animais, alterando de forma trágica esse bioma extremamente rico, frágil e vulnerável.

Descemos o morro por um caminho alto que se inicia em ocultar o carniabo, onde a experiência do guia filou mais alto. Não é à toa que Pacheco foi



## CHAPADA DOS VEADÉIROS

PATRIMÔNIO NATURAL DA HUMANIDADE

Um dos lugares mais antigos da Terra.  
No coração do Brasil.

5 dias a partir de  
**5x R\$204,00\***

1 semana a partir de  
**6x R\$257,00\***

(62) 3494-1536

WWW.CHAPADAVEADEIROS.COM.BR  
WWW.SUZARADATURISMO.COM.BR

\*Valor baseado no pacote 5 dias, 4 noites em hospedagem em pousada com café da manhã e almoço. Valores de transporte não estão contemplados. Valores de alimentação e equipamentos não estão contemplados. Valores para quem contratar a experiência com o guia são maiores.

---

Pousada  
**VALE DAS ARARAS**  
Reserva Particular do Patrimônio Natural

Conforto

Sossego

Lazer

Preservação

**Venha curtir o que há de melhor na Chapada dos Veadeiros**

Tel: 62 3459-0007 / 9865-4447  
www.valedasararas.com.br  
Cavalante - Goiás